

HOMENAGEM



A Esperança de um Europeu...

Jan Patočka (1907-1977) manteve-se fiel à ideia de que a “filosofia deve estar sempre na linha da frente”. Discípulo de Husserl, foi praticamente durante toda a vida perseguido pelas ideias que defendeu. E foi sempre a defesa da liberdade que lhe trouxe dissabores.

69

No final dos anos trinta, no tempo dos acordos de Munique, foi alvo das atenções do nazismo e, dez anos depois, voltou a ficar na mira dos novos senhores, até que, como porta-voz da “Carta 77”, ao lado de Vaclav Havel, morreu a resistir. O seu falecimento foi rodeado de mistério e de escândalo, uma vez que ocorreu na sequência dos interrogatórios policiais de que foi alvo. E hoje, conhecendo-se o seu depoimento feito sob tortura e violência física a admiração pela sua coerência fica reforçada. Diz o processo verbal elaborado pela polícia e agora conhecido: “Sobre a função de porta-voz da Carta 77, declarou ter assumido esse dever cívico pela boa razão de ser improvável que outro tivesse coragem de o fazer”. Num tempo em que regressa a caça às bruxas, é impressionante ler-se um depoimento destes, sobretudo sabendo-se que o inquirido não viria a resistir às sevícias físicas que sofreu.

Nascido em Turnov, a 1 de Junho de 1907, viveu a maior parte da sua vida de estudioso, na cidade de Praga, com excepção de curtos períodos em Paris, no final dos anos vinte, em Berlim e Friburgo, no início da década de trinta, como um dos mais fecundos seguidores da escola fenomenológica. Ao longo do seu magistério, encontramos um apego perma-

nente às raízes espirituais da Europa, segundo uma visão aberta, pluralista, assente na preocupação de se interrogar, na senda do pensamento greco-latino da “paideia” e da “humanitas”, em nome da dignidade da pessoa humana, referencial maior da obra do filósofo e do pensador. Jan Patočka teve, por isso, sempre presente (e destacou-o a cada passo) que a liberdade só faz sentido quando ligada à autonomia e à dignidade.

Deste modo, ao interrogar-se sobre o pensamento do pedagogo checo setecentista Comênio, disse que “a dominação do mundo pelo conhecimento não é forçosamente fundada num projecto subjectivista sobre o ser que realiza a alma fechada (tradicionalmente identificada com o absoluto). Pode também significar uma participação na ambivalência dos

Jan Patočka teve, por isso, sempre presente (e destacou-o a cada passo) que a liberdade só faz sentido quando ligada à autonomia e à dignidade.

princípios da mundanidade como um todo. E entendemos aqui a ambivalência no sentido do paradoxo de Pascal: a miséria e a grandeza em simultâneo, a compreensibilidade e o mistério, o abaixamento e a elevação do homem e das coisas” (Cf. «L'Écrivain, son 'objet'», Presses Pocket, 1992).

Fala, por isso, da pascaliana “desproporção do homem”, perfeitamente compatível com a ideia da dominação do mundo pelo conhecimento obtido não a partir da ideia de “alma fechada” mas da ideia de “alma aberta”, centrada na revelação do nada e no mito da errância e do regresso do peregrino, que Comênio trata em “O Labirinto do mundo e o Paraíso do Coração” (1623), que Patocka analisa cuidadosamente. Aí a peregrinação do mundo, o exame dos negócios humanos e a análise do que é fútil e vão permitem, com base teológica e sob a invocação de Cristo, o regresso a nós mesmos. E é no coração de cada qual que se manifesta a verdadeira felicidade. Assim, a imperfeição da “alma aberta” pode conduzir também ao domínio do mundo.

A consciência dos limites torna-se o ponto de partida para a “*emendatio rerum humanarum*”, que visa a reforma das relações humanas, a partir da educação (Cf. “Didáctica Magna”). E educar significa reformar e humanizar – em vez de dominar pela força, pelo poder e pela violência. Patocka, ainda com base no pensamento de Comênio, afirma, nesta ordem de ideias, que a Europa dos dias de hoje precisa de uma conversão espiritual, já que a concepção da alma fechada se confronta com a ocorrência de conflitos fatais e com o progresso de uma técnica de destruição. Só a espiritualidade poderá, assim, mais do que a técnica, conduzir-nos a soluções positivas e ao respeito da humanidade... A pedagogia não se limitará a inocular um saber e um poder, trabalhará, sim, pacientemente para fazer compreender que a alma humana está centrada fora do mundo das coisas e que a sua tarefa consiste em se superar e em se dar.

Jan Patocka fala, por isso, de um triplo projecto europeu contemporâneo, inseparavelmente crítico, político e existencial. Projecto crítico, uma vez que

se trataria de renovar através do “pensamento questionante” que fez da cultura europeia o continente da “vida interrogada” (Cf. «L'Europe après l'Europe», Verdier, 2007). Projecto político e existencial, já que não se trata de uma realização de Estado, normalmente assente no medo e na resignação, mas também no desejo de conforto e de protecção, que nos afastam de um sentido de responsabilidade pelo mundo comum, mas sim de apostar no inconformismo e na coragem de colocar a liberdade e a dignidade humanas à frente do “encadeamento da vida” para o “seu auto-consumo”. E a ideia de Europa surge, deste modo, ligada à responsabilidade, à cidadania activa, à acção transformadora. Num tempo em que a segunda metade do século XX trouxe um mundo pós-europeu, porque cada vez mais planetário, cabe, no fundo, perguntar se faz sentido falar de uma “herança espiritual europeia” e do cuidado da alma, no sentido socrático.

E não podemos deixar de ouvir o que nos ensinam a tragédia grega e a filosofia que ela reclama: «A Antígona de Sófocles representa (...) uma invocação sem força, a invocação de uma esperança ínfima, apesar da grandeza da consumação poética – invocação do que o pensamento de Creonte ocultou completamente em nós: o facto de o homem não se pertencer, de o seu sentido não ser o Sentido, de o sentido humano acabar quando se aborda a margem da Noite (o que Antígona assume), e de a Noite não ser o nada, mas pertencer ao que “é”, no sentido próprio do termo. Para o espírito grego, o preceito “conhece-te a ti mesmo” não significava outra coisa. Cada episódio, cada coro, cada verso, cada palavra de “Antígona” de Sófocles é uma expressão deste conhecimento de si». E Patocka põe o dedo na ferida fundamental do nosso tempo, a da pecha de Creonte, que é, por racionalismo, o pai do que poderíamos designar como irracionalismo. Aqui continua a centrar-se o grande paradoxo do tempo.

Antígona afronta a contradição e denuncia-a, e a origem da tragédia aí está como sinal supremo da encruzilhada (ou da crise) humana e da exigência de partir dos gestos imperfeitos para o entendimento do ser... A Europa vive hoje entre uma certa melancolia e o desejo de uma nova utopia, demarcada, é certo, das que geraram os terríveis dramas do último século e do conformismo que conduz ao encadeamento da vida no seu auto-consumo. Como? Wolf Leppe- nies, depois de 1989, fala de alguns intelectuais melancólicos, inconformistas, insatisfeitos, que tiveram a “coragem de agir”. Naquele dia de 1977, quando Patocka morreu, foi uma tragédia que se repetiu. Na prática matou-o o facto de combater, de denunciar, de ser coerente, de recusar a desordem estabelecida, mascarada de ordem. Também ele, como Antígona, ousou afrontar a racionalidade cega. E esse desafio continua de pé...

Naquele dia de 1977, quando Patocka morreu, foi uma tragédia que se repetiu. Na prática matou-o o facto de combater, de denunciar, de ser coerente, de recusar a desordem estabelecida, mascarada de ordem.